

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO BAIRRO BRASIL NOVO EM PRESIDENTE PRUDENTE- SP**Ana Claudia Nogueira¹
Eda Maria Goés²****Resumo**

Considerando os estereótipos criados acerca dos bairros periféricos como sendo “lugares perigosos” é que escolhemos pesquisar o Brasil Novo, um dos bairros periférico de Presidente Prudente, localizado na Zona Norte da cidade, que compreende uma área de baixa e média exclusão social. Os objetivos que procuramos atingir foram: investigar se os aparelhos urbanos do bairro atendem as necessidades de seus moradores e, principalmente, considerando os aspectos relacionados à insegurança, como a ocorrência de crimes violentos e a presença do tráfico de drogas costumam influenciar fortemente a imagem da periferia pobre das cidades. Diante disso, pretendemos caracterizar as representações sociais do Brasil Novo e identificar as relações que seus moradores estabelecem com as outras áreas e moradores da cidade, com base em entrevistas. Além disso, procuramos saber como o bairro é representado num jornal local a partir de matérias referentes ao Brasil Novo do período de 1990 a 2003. Para este tipo de pesquisa, valorizando o ponto de vista do entrevistado, suas experiências, bem como o papel da mídia na elaboração de determinadas imagens geradas sobre fatos, pessoas e lugares, adotamos a perspectiva das representações sociais. Assim, concluímos que tais representações se caracterizaram pela duplicidade, incluindo, simultaneamente, espaço para denúncias e reivindicações, por um lado, e estigmatização, por outro.

Palavras chave: produção do espaço urbano; representações sociais; violência urbana; Presidente Prudente-SP, Brasil Novo.

Abstract

Brasil Novo is a peripheral neighbourhood of Presidente Prudente city located in its north area, which is characterised by middle and low levels of social exclusion. We have decided to study this neighbourhood considering the stereotypes created for peripheral neighbourhoods as been “dangerous places”. The research aims are both to analyse if the neighbourhood’s urban equipments covers the inhabitants’ needs and to discover how the occurrences of violent crimes and the existence of drug trafficking influence the image of poor city peripheries, considering aspects related to insecurity. By using interviews, we intend to characterise the social representations of Brasil Novo and identify the relations established by its inhabitants with others in different city areas. We also want to find out how this neighbourhood is represented in a local newspaper from subjects explored during the period comprehended between 1990 and 2003. For this kind of research, we have adopted the social representation perspective in order to valorise the interviewee’s viewpoint, experiences as well as the role of media in the construction of some images based on facts. Therefore, we conclude that such representations are characterised by duplicity, including simultaneously space for denunciation and claims, by one side, and stigmatisation, by other.

Keywords: reproduction of the urban space, social representations, urban violence, Presidente Prudente city, Brasil Novo neighbourhood.

Introdução

Uma das características marcantes das cidades contemporâneas tem sido o aumento da violência. Cotidianamente os meios de comunicação veiculam notícias a este respeito, a criminalidade parece estar presente em todos os lugares. Soma-se a este fator a fragilidade ou a desestrutura da polícia brasileira desprovida dos aparatos técnicos necessários para combater o crime. Os policiais são muitas vezes despreparados, agindo energicamente sempre que encontram situações de risco, isto é, quando se deparam com um suspeito que é quase sempre, negro, pobre, nordestino, maconheiro, adolescente. Tais traços representam autorizações prévias que permitem as práticas abusivas (ENDO, 2005, p.81).

Em “Cidade de Muros”, Caldeira (2000), analisando a questão da violência, sobretudo na

¹ Aluna Bacharelado em Geografia

aclaunogueira@hotmail.com

FCT- Unesp- Presidente Prudente

Depto de Geografia

² Professora do Depto de Geografia

edagoes@fct.unesp.br

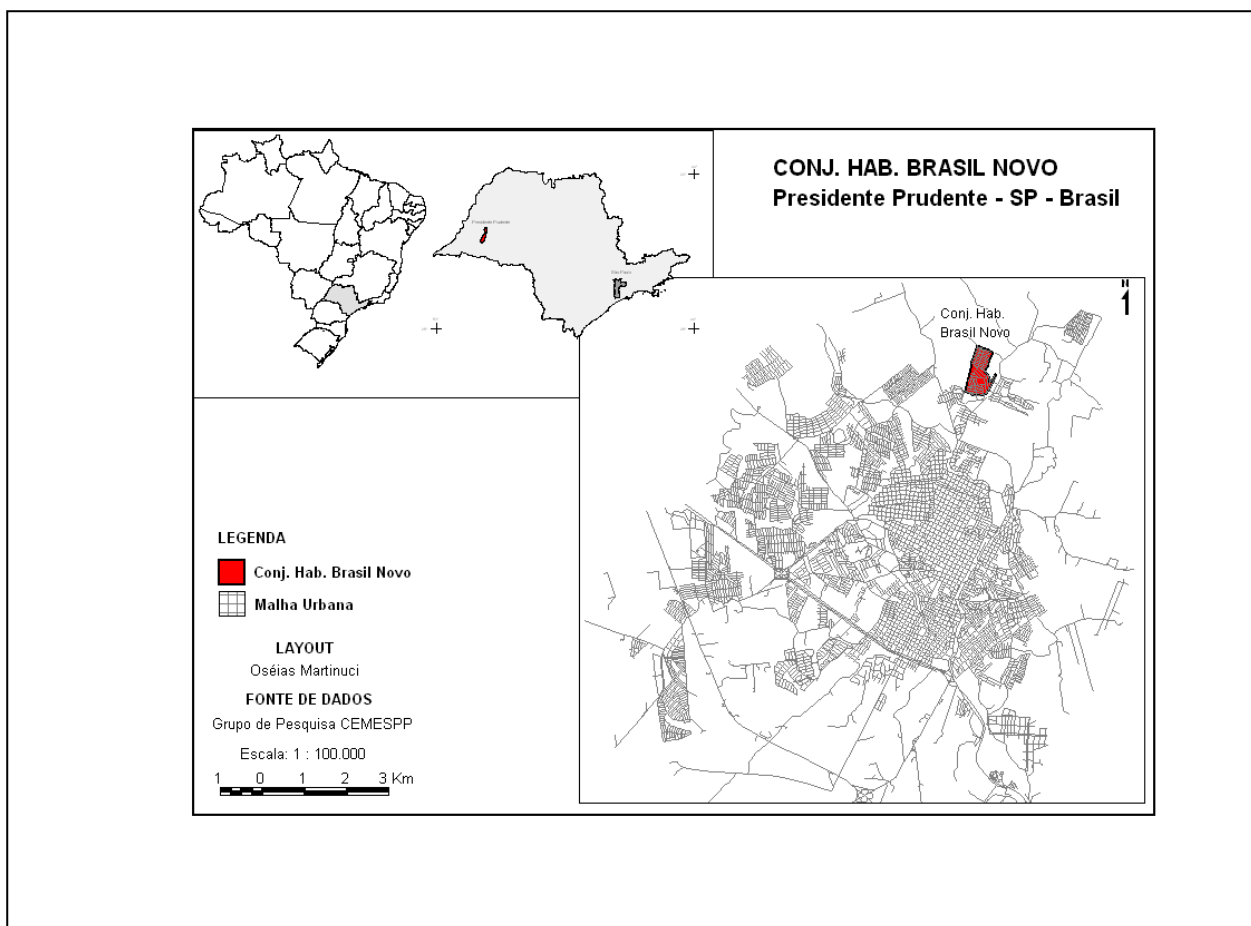
FCT- Unesp- Presidente Prudente

cidade de São Paulo, afirma que ainda mais preocupante que o aumento do crime violento é o papel e atuação das instituições da ordem que parece provocar mais o aumento da violência do que o seu controle. Em São Paulo, assim como em outras cidades brasileiras, a polícia é parte do problema da violência. O uso de métodos violentos, ilegais ou extralegais por parte da polícia é antigo e amplamente documentado (CALDEIRA, 2000, p.135).

Assim, na reestruturação do espaço urbano, determinadas áreas, sobretudo as periferias, passam a ser apontadas e entendidas como redutos da violência, onde surge e ou vive o crime e o criminoso. Mas esse processo não é exclusivo das metrópoles, como muitas pesquisas parecem sugerir. No âmbito do GASPERR (Grupo de Pesquisa, Produção do Espaço e Redefinição do Espaço Urbano), há trabalhos que discutem entre outros aspectos, a produção do espaço urbano através da segregação espacial em cidades médias do interior paulista, entre estes, “Urbanização difusa, espaço público e insegurança urbana” (Eda Góes, Maria Encarnação B. Spósito e Oscar Sobarzo, financiado pela Fapesp), projeto que envolve as cidades de Marília, São Carlos e Presidente Prudente. Outros projetos que se ligam a este já foram desenvolvidos: “Insegurança urbana e produção da cidade: mudanças desencadeadas pela presença dos novos presídios no Oeste Paulista” (Éden C. Carli, Fapesp), “A legislação urbanística, o condomínio e o parque em São Carlos” (Ricardo G. Lante, Fapesp), “Novas morfologias urbanas: a produção de condomínios fechados em Presidente Prudente – SP” (Clayton F. Dal Pozzo, Fapesp) e “Insegurança materializada no cotidiano: uma análise do bairro Jardim morada do Sol - Presidente Prudente- SP” (Cristina B. Gross Machado, Fapesp).

Considerando os estereótipos criados acerca das áreas periféricas representadas quase sempre como lugares “perigosos” é que desenvolvemos essa pesquisa, estudando um dos bairros periféricos da cidade de Presidente Prudente, o Brasil Novo (ver mapa 1).

Mapa 1 – Localização do bairro Brasil Novo



O Bairro Brasil Novo localiza-se na porção norte da cidade, é composto por lotes urbanizados e pelas unidades residenciais do Conjunto Habitacional. Segundo Silva (2005), o bairro surgiu no ano de 1990, com a aprovação do Conjunto Habitacional, tendo a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), como agente promotor.

Com o intuito de atender ao excedente de pretendentes a moradia, cadastrados na

implantação do Conjunto Habitacional Ana Jacinta, foi encaminhado paralelamente o Projeto dos Lotes Urbanizados, que tinha originalmente a pretensão de realizar o remanejamento de antigos moradores de favelas.

Na área destinada ao loteamento urbanizado, alguns lotes foram doados aos moradores de favelas e a maioria dos lotes foi vendida para famílias de diversas áreas de Presidente Prudente. Os critérios para obtenção dos lotes comercializados foram os seguintes: baixa renda, família constituída e não ser proprietário de nenhum outro imóvel.

Segundo a Prefeitura Municipal, a necessidade da implantação do loteamento deu-se por conta do déficit habitacional e devido ao grande número de áreas públicas ocupadas irregularmente. Esta tem sido a solução encontrada pelo Poder Executivo Municipal para amenizar parte do problema de forma compatível com os recursos disponíveis.

A gleba onde foi implantado o loteamento inicialmente não era da Prefeitura Municipal, tratava-se de uma propriedade rural não utilizada devido à sua proximidade com a malha urbana. Desse modo, o Brasil Novo foi implantado fora do perímetro urbano, que foi ampliado em 1996, com o Plano Diretor. Assim, a origem do bairro se relaciona ao modo como se deu o crescimento da própria cidade.

Segundo Silva (2005, p. 11), a cidade de Presidente Prudente foi crescendo de forma descontínua, deixando terrenos vazios em sua malha urbana. A produção do espaço urbano teria ocorrido apoiada na especulação imobiliária e nas práticas do poder público na escolha de localizações distantes para a implementação de programas habitacionais. Nos loteamentos periféricos se instalou uma população bastante desprovida de recursos locais, às vezes com carência de infra-estrutura. Desse modo, a cidade se caracteriza por uma separação entre locais de moradia das diferentes camadas sociais, com acesso diferenciado ao seu espaço urbano, de um modo prejudicial aos menos favorecidos economicamente, gerando em alguns casos contextos de segregação socioespacial.

Procedimentos metodológicos

Considerando que os aspectos relacionados à insegurança, como a ocorrência de crimes violentos e a presença do tráfico de drogas costumam influenciar fortemente a imagem da periferia pobre das cidades, nosso principal objetivo foi caracterizar a imagem do bairro, com base nos depoimentos de seus moradores, levando em conta tais aspectos. Além disso, procuramos identificar as relações que os moradores do Brasil Novo estabelecem com as outras áreas e moradores da cidade.

Isso, sem desconsiderar o papel que a mídia desempenha na propagação das informações em especial a partir da produção de reportagens de cunho sensacionalista. Daí a necessidade de se analisar na mídia impressa, as principais notícias referentes à periferia de Presidente Prudente e em especial ao Bairro Brasil Novo. Para tanto foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico referente às temáticas abordadas; realização de visitas frequentes ao bairro; realização de entrevistas junto aos moradores do bairro (comerciantes e não comerciantes) e também a alguns cobradores e motoristas que trabalham em linhas de ônibus que atendem ao bairro; registros fotográficos e consulta ao jornal local O Imparcial no período de 1990 – 2003, atentando para as notícias sobre o Bairro Brasil Novo, o que proporcionou uma aproximação da visão sobre os moradores do bairro, elaborada por outros moradores da cidade, além de viabilizar a coleta de informações sobre a história do bairro e seus problemas.

Para este tipo de pesquisa que leva em conta o papel da mídia na elaboração de determinadas imagens geradas sobre fatos, pessoas e lugares, mas que valoriza também o ponto de vista dos entrevistados, sua visão de mundo, suas experiências, adotamos a perspectiva das representações sociais que:

Representam por excelência, o espaço do sujeito social, lutando para dar sentido, interpretar e construir o modo em que ele se encontra [...] ela oferece a possibilidade da novidade, da autonomia, daquilo que ainda não existe, mas poderia existir. Elas são nesse sentido uma relação com o ausente e um meio de evocar o possível. É importante ressaltar que não há qualquer tentativa de negar o poder das estruturas sociais. Também não se trata de conferir autonomia à ordem simbólica. Há sim uma relação entre o material e o simbólico. (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 41).

A representação social é sempre uma referência de alguém sobre alguma coisa, seu caráter imaginante e construtivo a faz criativa e autônoma. A autora ressalta também a importância das representações sociais no estudo da atuação da mídia na produção de significados e valores de uma sociedade, dadas as formas como a mídia transforma, e de certa maneira define a circulação de bens simbólicos em sociedades contemporâneas (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 92).

Ao trabalhar com grupos focais, cada grupo constituiu-se de categorias sociais diferentes, que

foram selecionados de acordo com sua relevância para o objeto da investigação, a autora demonstrou a importância de permitir a expressão de vozes singulares que, ao falar de suas experiências e debatê-la em público, poderiam revelar a diversidade da realidade social e sua relação com essa realidade. Nesse sentido, optamos por escolher cuidadosamente nossos entrevistados e as questões propostas durante a realização das entrevistas, preocupando-nos assim, com dados qualitativos e não quantitativos, uma vez que estes atendem mais expressivamente os anseios de nossa pesquisa.

O Brasil Novo no jornal

Tabela 1- Notícias publicadas no jornal O Imparcial 1990-2003

Período	Total de notícias publicadas	criminalidade	Infra-estrutura	Outras notícias
1990 – 2003	163	79	44	40

Na pesquisa realizada no jornal, chamou a atenção o grande número de notícias sobre ocorrências violentas, o que contribuiu decisivamente para conferir ao bairro uma caracterização violenta, tanto por lá ocorrerem crimes, quanto pelo fato de residirem pessoas que praticam algum tipo de delito.

Quanto à veiculação de notícias referentes aos problemas de infra-estrutura, não podemos desconsiderar o aspecto positivo do papel de divulgação desempenhado pela mídia, que acaba por servir como canal de ligação, tornando possível a interlocução entre moradores e os responsáveis por propiciar a resolução de tais problemas.

Atualmente o Brasil Novo apresenta uma boa infra-estrutura, segundo opinião dos moradores, que atribuem a presença dos equipamentos urbanos às suas constantes reivindicações, bem registradas no jornal consultado.

Durante a realização das entrevistas, uma das questões abordadas dizia respeito ao preconceito que os moradores do Brasil Novo enfrentam, por parte dos moradores de outras áreas da cidade. Assim, quando perguntamos aos entrevistados se eles já ouviram algum tipo de comentário ruim sobre o bairro, as respostas foram todas afirmativas, prevalecendo a associação entre violência e pobreza, presente na maioria dos depoimentos. Em seguida, destacamos alguns trechos das falas dos entrevistados referindo-se aos comentários que costumam ouvir sobre o bairro:

“que é muito longe do centro, que fica na periferia, minhas irmãs mesmo sempre falam. Falam que eu deveria morar mais perto do centro e não aqui, dizem que não vem me visitar porque eu moro longe.”

“As pessoas falam: Nossa, você mora lá naquele final de mundo!”

“Que é violento, que só tem favelado, essas coisas.”

“Violento era antigamente. Que era muito violento aqui antigamente. Aí manchou um pouco a história do Brasil Novo.”

Neste último caso, o entrevistado afirmou que o bairro tem a fama de ser violento, porém, que não é, não mais, que fora violento no passado. Por um lado, identificamos uma certa lamentação na sua fala, quando afirma que “manchou a história”, ou seja, trata-se de um bairro bom, mas por conta de alguns eventos ocorridos no passado, atualmente ainda carrega o estigma de ser violento, quando na verdade não o é. Por outro lado, podemos identificar também um aspecto positivo na “história do Brasil Novo”, de superação de problemas (ou ao menos de alguns deles) que, no entanto, não é identificado e reconhecido pelos outros moradores da cidade. Nesse caso, a lamentação tem outro sentido.

Conforme nossas entrevistas indicaram, na percepção de muitos moradores, trata-se de um bairro tranquilo, porém, seja em função de sua história, seja do desconhecimento dos outros moradores da cidade, conforme sugerido em alguns dos depoimentos anteriores, o bairro continua a ter uma representação social violenta.

Enfrentando a violência no Brasil Novo percepções, reações e explicações:

Um dos principais temas abordados em nossa pesquisa é a violência urbana. Com base em Adorno (2005), levamos em conta a existência de três dimensões da violência no cenário brasileiro atual - as percepções (que incluem as reações), os fatos e as explicações - procurando abordar todas elas em nosso roteiro de entrevista.

Começando pelos fatos, pudemos identificar nas respostas dos entrevistados alguns tipos de violência mais frequentes no Brasil Novo, com destaque para o furto, a violência inter-pessoal (marido que bate na mulher), roubo em estabelecimentos comerciais e residências. Em alguns casos a violência inter-

pessoal parece associar-se tanto à ingestão de bebida alcoólica, quanto ao uso de entorpecentes. Em seguida destacamos trechos das falas de alguns moradores referentes ao fato de já terem presenciado algum tipo de violência no bairro e sua descrição:

“entre família sim, mulher com o marido, o homem chega em casa bêbado e bate na esposa, nos filhos”

“meu irmão, ele teve desentendimento com a minha cunhada na casa dele e ele tinha bebido, então ele tava muito violento”

A violência inter-pessoal parece ser banalizada, tratada como um acontecimento comum presente na vida das pessoas que sofrem essa violência, na verdade, muitas vezes, não só de quem a sofre, mas de quem a presencia. Quanto aos roubos, tanto em estabelecimentos comerciais, quanto em residências, as ocorrências parecem estar ligadas ao consumo de drogas, uma vez que todos os entrevistados disseram saber da ocorrência do tráfico de drogas no bairro,

Uma entrevistada, relatando que já sofreu violência no bairro, contou-nos:

“Há uns dois meses atrás fui roubada pelas minhas primas, fizeram que foram embora, eu saí e meus primos voltaram e me roubaram porque são usuários de drogas. Levaram som, TV, DVD, microondas e mais alguns objetos.”

“Problemas com drogas no bairro tem bastante, às vezes a gente vê que é molecadinha nova até.”

A questão das drogas, do tráfico, não só comparece no bairro, como tem os jovens como seu principais protagonistas, assim como acontece nas periferias das grandes cidades. Do ponto de vista das suas relações com a violência e do protagonismo dos jovens, as falas seguintes parecem tentar justificá-los:

“as pessoas não têm perspectiva, os jovens não têm perspectiva, a pessoa termina o segundo grau e daí não sabe o que fazer, fica sem fazer nada, às vezes se acha incapaz, acha que não consegue fazer nada, que é pobre e não vai conseguir continuar a estudar, essas coisas...”

“Os pais não educam direito e falta muita oportunidade para a juventude.”

Mas expressam também preocupação, já que os jovens fazem parte não apenas do presente, mas também do futuro do bairro e da cidade. Desse modo, os esforços por justificar seu comportamento também podem ser esforços para compreendê-los, levando em conta os problemas sociais que conhecem bem. Entretanto, não é só isso, como não nos referimos ao apelo exacerbado do consumo verificado na mídia, através das propagandas? Tal apelo também deve influenciar na atração exercida pelo tráfico de drogas, enquanto comércio ilegal, mas muito lucrativo, sobre esses jovens pobres, como alternativa rápida – talvez a única - para se ter acesso ao mundo do consumo. Sobre este aspecto, se torna impossível não falar da identidade marginal que:

Surge por conta das transformações técnico científicas que redefinem as formas de comunicação, o relacionamento e, principalmente, redefinem as relações estruturais entre capital e trabalho, as leituras e as representações do mundo do trabalhador. Tal processo provocou um vácuo entre as gerações mais maduras e as novas gerações, particularmente entre as populações pobres dos grandes centros urbanos brasileiros [...] O fim das promessas de inserção na sociedade de consumo, sobretudo, através de um emprego digno, e a ausência de modelos positivos e inspiradores, são indícios ainda pouco explorados, para os quais começamos a atentar a partir das relações familiares que se dão, sobretudo, em torno da figura materna, ocorrendo uma representação positiva da mãe e outra não muito positiva da figura do pai. (GÓES e ANDRÉ, 2006, p. 56).

Ainda segundo Góes e André (2006), diante deste cenário, a identidade marginal reelabora os valores presentes no cotidiano da marginalidade, organizando novos sentidos para a morte e para a violência.

As disputas por pontos de venda de drogas em bairros periféricos (e favelas, principalmente nas metrópoles) não é casual, nem sequer relaciona-se apenas a própria origem dos traficantes e a influência que conseguem exercer sobre os seus jovens moradores, também se relaciona a seu desejo de autonomia. Desse modo, quanto mais distante, quanto mais isolado, no sentido das dificuldades de acesso, e quanto menos policiado, mais atraentes e suscetíveis se tornam tais bairros, de forma que algumas das características inerentes a política habitacional implementada em Presidente Prudente, assim como em outras cidades, favorecem a presença do tráfico, quando, perversamente, pretendiam proteger parte de

seus moradores. Foi assim que o crime organizado conseguiu, em algumas áreas pobres, um certo controle político baseado também na força e na violência (MISSE, 2006, p. 38).

As especificidades das relações estabelecidas no interior de um bairro como o Brasil Novo, entre traficantes (e consumidores de drogas) e os outros moradores, foram assim abordadas por alguns entrevistados, quando perguntamos se o bairro é perigoso:

“Depende, para quem vier morar aqui, se for uma pessoa que eles não conhecem, pode até ser [perigoso], mas como a gente já conhece, eu tenho amizade com quase todos os bandidos daqui, assim, então é calmo, eles protegem, eles defendem o seu bairro, entendeu. Então se vier uma pessoa de fora, é capaz de achar violento.”

A importância dessas relações e de sua duração, de conhecer e ser conhecido, foi enfatizada, sugerindo que mesmo a presença de bandidos pode gerar proteção, embora, certamente, não para todos. Mas, contraditoriamente, no decorrer da entrevista, essa moradora contou que seu estabelecimento comercial foi assaltado muitas vezes, quando ainda era do antigo proprietário, no entanto, mesmo depois que o compraram, ainda tentaram roubá-lo, o que não se efetivou porque o alarme de segurança foi acionado e os ladrões fugiram. Desse modo, se evidencia os limites de tais acordos e da proteção deles decorrentes.

No que se refere às percepções, enfatizamos dois aspectos principais: a percepção de que está aumentando a violência na cidade de Presidente Prudente e as relações do bairro com a cidade, no que se refere a tal percepção, quanto ao aumento da violência, a maioria dos moradores entrevistados concorda com seu aumento, embora, segundo sua representação social, Presidente Prudente não é uma cidade violenta.

Na elaboração de tal representação, com base em comparações pautadas nas informações fornecidas pelos meios de comunicação, em especial, pelo rádio e pela TV, visto que são os meios de comunicação mais utilizados pelos entrevistados. Como a maioria declarou sempre ter morado na cidade de Presidente Prudente, ou em suas proximidades, a importância da mídia como fonte quase exclusiva de informações sobre outras realidades urbanas não pode ser desconsiderada, bem como seu poder de influência. Também é impossível não falar do papel da mídia na difusão das informações sobre a violência, bem como do caráter sensacionalista de uma cobertura sempre interessada no excepcional, que, pela repetição exaustiva, passa a ser representado como um fato constantemente presente.

Segundo Misse (2003), o imaginário que é produzido e reproduzido pela mídia acerca da violência faz com que ela pareça estar em todo lugar, como um sujeito difuso, daí decorrendo a necessidade, enfatizada pelo autor, de adotar uma visão crítica da própria violência, dessa representação social, que nos enclausura numa categoria acusatorial. Refletimos sobre a variedade de eventos que enclausuramos nesse sujeito difuso então urgente (MISSE, 2003, p. 20).

No Brasil Novo, as opiniões referentes à representação da violência parecem ir ao encontro da argumentação dos autores, conforme o conteúdo presente na fala transcrita abaixo, na qual a entrevistada acredita que a cidade de Presidente Prudente não seja muito violenta e justifica sua afirmação tomando por base às informações veiculadas pela televisão:

“Acho que não muito. Em vista do que a gente vê por aí, não. Ah porque a gente vê tanta coisa na televisão.”

Segundo essa entrevistada, as coisas mudaram na cidade, mas a violência (que a gente vê na TV) ainda não chegou aqui (referindo-se ao aumento da violência na cidade de Presidente Prudente).

No que se refere às relações do Brasil Novo com a cidade de Presidente Prudente, nesse aspecto da insegurança, as opiniões também giram em torno das informações que são veiculadas pela mídia. Mas ao abordar as percepções, é preciso atentar também para as reações, como observa Adorno (2005). Nesse sentido, pudemos recolher muitos indícios sobre diferentes práticas sociais dos entrevistados no enfrentamento dos problemas, com a presença de traficantes, por exemplo, e seus desdobramentos.

Uma constatação importante, quanto às estratégias de defesa frente à violência, diz respeito às representações da polícia. Embora boa parte dos entrevistados tenha afirmado não confiar no trabalho da polícia, contraditoriamente, atribuem a ela a função de garantir a segurança. Na mesma direção, mesmo aqueles que disseram confiar no trabalho da polícia, manifestaram uma certa desconfiança, enquanto outros foram categóricos ao afirmar que não confiam no trabalho da polícia, como sugere o seguinte trecho de entrevista:

“Eu não confio. Ah, hoje em dia os policiais são os piores bandidos. Eu confio mais nos bandidos do que na polícia. O bandido, ele defende seu bairro, tipo eu sô amiga dele, ele me defende, a polícia, se você é amigo, ele não defende. Eu penso assim.”

Por um lado, a fala da entrevistada sugere uma maior proximidade, no aspecto da segurança, ao bandido que a polícia, evidenciando uma inversão de papéis sociais, mas, por outro lado, identifica afinidades entre bandidos e polícias, ao afirmar que cada um defende seus amigos.

Sobre a questionável atuação da polícia no combate a violência, Caldeira (2006, p. 135 – 136) radicaliza, observando, conforme já mencionamos, que em São Paulo, assim como em outras cidades brasileiras, a polícia é parte do problema da violência. Durante toda história republicana, o Estado encontrou maneiras, tanto de legalizar formas de abusos e violação de direitos, como de desenvolver atividades extralegais sem punição. A repressão ao crime tem tido como alvo, sobretudo, as classes trabalhadoras e freqüentemente esteve ligada a repressão política. Desse modo, a população e, especialmente os setores mais pobres, tem sofrido continuamente várias formas de violência policial e injustiça legal, aprendendo não apenas a desconfiar do sistema judiciário, mas também a ter medo da polícia. Mas, contraditoriamente, a persistência da violência policial e seu crescimento foi possível, pelo menos em parte, por causa do apoio popular. Mesmo as classes trabalhadoras, que são as principais vítimas dessa violência, apóiam algumas de suas formas.

Outra entrevistada também expôs sua opinião negativa quando se refere à atuação policial, começando por opinar sobre confiança no trabalho da polícia:

“Muito pouco. Eles são muito falhos. Os policiais hoje em dia, eles são muito falhos. Eles... tem casos e casos, eles se acham, eles se acham um pouco poderosos, só eles têm razão, só eles. Vamos supor, se tiver uma abordagem, ou alguma coisa assim, coisa que nunca aconteceu comigo, mas que eu já presenciei, ele não dá a chance de você se defender, eles chegam, eles vem de maneira grosseira, eles fazem a abordagem, eles fazem o que eles querem com você e pronto, fica por isso mesmo, e você não pode se defender. Era o tempo que policial servia de segurança pra gente, hoje em dia não, hoje em dia ele cresce muito atrás da farda.”

A fala apresenta uma visão crítica da polícia: relação de poder, excessivamente concentrado na farda, além de nova valorização das mudanças – “era o tempo...” - como se no passado, num tempo não identificado, a polícia exercesse com dignidade o seu papel, isto é, preocupava-se em promover a segurança dos cidadãos. No entanto, se por um lado alguns moradores do bairro Brasil Novo não confiam no trabalho da polícia, há aqueles que confiam e justificam sua resposta, como foi o caso do morador que foi taxativo, sem achar que precisasse de qualquer justificativa para sua afirmação:

“Eu confio no trabalho da polícia, porque eles são dignos e honestos”

No trecho seguinte, encontramos outros argumentos sobre a atuação da polícia no bairro:

“É, tem garantido, faz tempo, faz... pra evita que a juventude faça coisa errada, então, o corrigimento da polícia é uma grande vantagem. Eles fazem... é, é, geralmente a polícia dá segurança pra nós aqui...”

Neste caso, talvez a confiança na polícia esteja ligada a sua idade, pois esse entrevistado tem mais de 70 anos, parece não assimilar a inversão dos valores presentes na atuação do papel da polícia. Além disso, sua idade também pode ajudar a entender sua representação dos jovens moradores do bairro que precisariam ser corrigidos e não compreendidos, como já identificamos em depoimento anteriormente comentado. Ainda sobre as rondas policiais no bairro e atuação da polícia observou:

“Faz tempo, isso é rotina, ah porque no bairro tem algumas pessoas que são usuários de drogas, então, acho que é rotina deles.”

Quanto às rondas policiais, alguns entrevistados relataram que isso é recente, devendo-se tal fato, sobretudo, ao Posto Policial que passou a funcionar recentemente no bairro. Já outros moradores disseram que as rondas policiais são comuns, realizadas já há algum tempo. Chamou-nos a atenção o horário de funcionamento do Posto Policial, das 7:00h às 19:00h. Não seria após as 19 horas que ele seria mais necessário? Foi nesse sentido a crítica de uma moradora:

“o horário mais perigoso que seria depois das sete, no horário mais perigoso vai, tá fechado, não entendi?! Vai vê tem muito policial e eles estão tentando arrumar um buraco pra enfiar.”

Contudo, de um modo geral, os entrevistados valorizam a presença do Posto Policial no bairro e o identificam como um equipamento de segurança. Durante a realização das entrevistas, um morador ponderou que a sua construção foi sim importante para o bairro, no entanto, para ele, há outras prioridades, como o aumento das vagas na creche, que beneficiaria bem mais os moradores.

Além da presença policial, outras estratégias de defesa contra a insegurança foram identificadas durante a pesquisa de campo, como a presença dos muros altos, grades, alarme, e por fim, o silêncio, a opção por não falar a respeito de algumas coisas que se vê no bairro, como, por exemplo, as questões ligadas ao tráfico de drogas. A fala da entrevistada explicita bem a relação com a violência e as estratégias defensivas possíveis:

“Não acho o bairro perigoso não. Isso de bairro perigoso vai muito assim de você ser, surdo, cego e mudo. Então, se você não se envolve nunca com a vida de ninguém, você nunca vê, nunca ouve nada, então não tem problema.”

Quando indagados acerca das prováveis causas que propiciam o aumento da violência, ou seja, as explicações, ouvimos as seguintes opiniões:

“Eu acho que a estrutura familiar, a estrutura familiar ela conta muito.”

“Ah, eu acho que é um pouco por que o povo, ah, hoje em dia, não tem tanto emprego, as pessoas começam a roubar para ter as coisas, daí elas começam a usar a violência para poder fazer isso”

“Porque os jovens não têm ocupação, se iludem com o que o mundo oferece. Às vezes vai pras drogas, pára de estudar, deveria ter trabalho e cursos para os jovens”.

“Negligência das autoridades, dos órgãos máximos, da prefeitura, dos prefeitos que não colocam uma lei para... tipo... cometeu um crime, tem que pagar pelo crime. A justiça não é eficiente.”

O conjunto das falas dos entrevistados nos remete a um emaranhado de questões que devem ser consideradas se quisermos tentar compreender o tema da violência. Misse (2003) chama atenção para o fato de que a violência é um problema que se agrega à desigualdade social, uma vez que numa sociedade capitalista de massa, uma parcela significativa de sua população não encontra possibilidade de inclusão social, como é o caso do Rio de Janeiro, pesquisado por ele. Para que se possa ser reconhecido como integrante dessa sociedade, é preciso que se tenha acesso aos meios materiais básicos de existência, é preciso que se tenha acesso à escola, saúde, direitos civis, sociais e econômicos. Mas como se pode ter acesso a tudo isso, quando nem ao menos se é reconhecido como cidadão (MISSE 2003, p. 27)? Nós não podemos imaginar que a polícia vá resolver sozinha um problema dessa magnitude, a chamada violência urbana, não é um problema exclusivamente policial, também não é um problema só de segurança pública, ela inclui inúmeros fatores (MISSE, 2003, p.28). Desse modo, estamos tentando resolver os problemas de uma modernidade incompleta e, ao mesmo tempo, tendo que enfrentar os novos problemas postos pelo capitalismo global (MISSE, 2003, p. 30), Daí às menções variadas de nossos entrevistados: falta de estrutura familiar, falta de trabalho e de acesso a educação, impunidade, mas também a necessidade de ter as coisas, que, como comentamos anteriormente, é cada vez mais imperiosa e exigente, sobretudo para os jovens, como também lembraram os entrevistados.

Conclusão

O recurso a duas fontes de pesquisa - entrevistas com moradores (e cobradores de ônibus) do Brasil Novo e matérias publicadas no Imparcial (1990 – 2003) – nos permitiu apreender representações sociais do bairro estudado, sempre marcadas pela duplicidade.

Na consulta aos jornais, identificamos uma representação pautada nos problemas de infraestrutura, ou seja, na carência, e no caráter violento. Sobre esse aspecto, confirmamos as constatações de Jovchelovtch (2000, p.83) de que os jornais perpetuam representações sociais, isto porque, ao longo da História do Brasil, as relações entre violência e pobreza têm sido reproduzidas, a despeito dos esforços de muitos especialistas no sentido de demonstrar que a realidade e os dados empíricos desmentem tais relações.

Mas levando em conta os cuidados necessários para não simplificar a atuação da mídia, também identificamos nas páginas desse jornal a presença dos moradores do Brasil Novo representados como sujeitos da história do bairro, cujas reivindicações de melhores condições materiais para o bairro foram amplificadas e justificadas pelo O Imparcial. Nesse sentido, a atuação do jornal como “construtor de representações sociais” (JOVCHELOVTCH, 2000, p.83) também foi comprovada.

Nas entrevistas foi possível, entre outros aspectos, verificar que os moradores do Brasil Novo enfrentam preconceitos de moradores de outros pontos da cidade, seja pela distância, seja pela ocorrência de violência. De um modo geral, os moradores classificam o bairro como sendo tranquilo, embora todos os entrevistados tenham citado, entre outros fatos, a ocorrência de tráfico de drogas no bairro, bem como a ocorrência de pequenos furtos, geralmente envolvendo jovens.

Quanto às estratégias de defesa contra a insegurança adotados pelos moradores, identificamos o silêncio, não falar de algumas coisas que acontecem no bairro, além da presença de muros altos e da polícia, bem representada no bairro pelo recém inaugurado Posto Policial que, entretanto, a partir das 19 horas, não atende ninguém. Desse modo, torna-se impossível não questionar: será que o Posto Policial foi construído para levar segurança aos moradores do Brasil Novo? Ou será para impedir que os moradores do Brasil Novo levem insegurança ao restante da cidade? No momento ainda não temos elementos para responder tal questão, no entanto a segunda hipótese parece ser a resposta mais provável.

Referências

ADORNO, S. Conferência Proferida durante o Seminário “**As interfaces da Violência**” (UNIFESP), em 05 de Agosto de 2005.

CALDEIRA, Teresa Pires. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34-Edusp, 2000.

ENDO, Paulo César. **A violência no coração da cidade**. São Paulo. Escuta/Fapesp, 2005.

GOES, E; ANDRÉ, L. Violência e Fragmentação: dimensões complementares da realidade paulistana. **Terra Livre**, São Paulo, v.2. n. 27, p. 49-68, Jul-Dez, 2006.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera Pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.

MISSE, Michel. A violência como sujeito difuso. FEGHALI, J.; MENDES, C. e LEMGRUBER, J. (orgs.). **Reflexões sobre a violência urbana: Insegurança e desesperanças**. Rio de Janeiro: Mauad X. 2003.

MISSE, Michel. **Crime e violência no Brasil contemporâneo**. Estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2006.

SILVA, R. B. **Segregação e/ou integração: O programa de desfavelamento e loteamentos urbanizados em Presidente Prudente**. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.